

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

O Sultão Transfigurado - A saga de um herói na *Rara e Excelente História de Saladino*, de Ibn Shaddad

Leonardo O'Reilly Brandão*

Resumo: Este trabalho busca a origem de um mito político do mundo árabe - o sultão Saladino ibn Ayyub (1138 - 1193), adversário dos cristãos na Palestina durante as Cruzadas. Devido a reutilização e ressignificação da figura de Saladino ao longo dos séculos XX e XXI, no mundo árabe-muçulmano, para fins políticos diversos (de nacionalistas, como Nasser e Saddam Hussein, a fundamentalistas, como a rede al-Qaeda), fica a indagação acerca das origens desta mitologia política e do significado original do Saladino histórico. Para tanto, analisamos o documento "Al-Nawadir al-Sultaniyya", relato biográfico do sultão escrito por seu "secretário" Bahaheddin ibn Shaddad.

Palavras-chave: Saladino; Cruzadas; Islã.

Abstract: *This paper refers to the origins of a political myth in the arab world – sultan Salahedin ibn Ayyub (1138-1193), enemy of the Christians in Palestine in the time of the Cruzades. Due to the spread use of this historical character for political purposes during the last and the current century, we are giving a deeper look to the historical origins of this famous sultan. To achieve these goals, we analyse the document entitled “Al-Nawadir al-Sultaniyya”, a biography of the sultan written by a member of his entourage, Bahaheddin ibn Shaddad.*

Keywords: *Salahedin; Cruzades; Islam*

Yussef ibn Ayyub foi o mais famoso e renomado dentre os líderes muçulmanos do período das Cruzadas (1096-1291). Conhecido no Ocidente pela alcunha de Saladino, é lembrado principalmente por ter sido o responsável pela reconquista de Jerusalém para as mãos do Islã. Foi o adversário mais tenaz do rei Ricardo I da Inglaterra, o Coração de Leão, que foi obrigado a voltar para a Europa de mãos vazias.¹

* Candidato a Mestre em História pela Universidade Católica do Rio de Janeiro, bolsista CAPES.

¹ Segundo o escritor e historiador árabe Amin Maalouf, Ricardo possuía dois grandes objetivos em sua peregrinação: retomar Jerusalém e conhecer o sultão Saladino. Não alcançou nenhum dos dois, e ainda foi seqüestrado em seu regresso à Inglaterra, exigindo do Reino uma grande soma em dinheiro para o seu resgate. Cf. MAALOUF. **As Cruzadas Vistas pelos Árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

O poeta florentino Dante Allighieri, na *Divina Comédia*, homenageia a honra do sultão: em sua descrição do Limbo, o coloca neste lugar neutro, cujas almas habitantes não sofrem os castigos do Inferno, apesar de tampouco poderem enxergar a glória de Deus. No Limbo se encontram as almas dos virtuosos que não sofrem pena, mas não podem ser beatificados por não terem recebido o batismo. Portanto, Saladino encontra-se na excelente companhia dos filósofos pagãos e grandes homens da Antigüidade Clássica: “*Vidi quel Bruto Che cacciò Tarquino, / Lucrezia, Iula, Marzia e Corniglia; e solo, in part, vidi’l Saladino / (...) / Tutti lo miran, tutti li fanno: / quivi vid’io Socrate e Platone, che’nnanzo a li altri piú presso li stanno;*”²

Se para a Cristandade Ocidental ficou marcada a imagem do inimigo infiel, porém virtuoso e respeitador das regras cavaleirescas, no *D’ar al-Islam*³ o sultão se tornou um herói lendário ainda em sua vida, e principalmente após a sua morte. A memória de Saladino é invocada no mundo árabe-muçulmano sempre em que se sente a necessidade de um líder que unifique o Islã contra os infiéis do mundo exterior. A figura de Saladino foi sendo lembrada e re-significada ao longo dos séculos, até chegar nos dias atuais.

O cenário geopolítico atual encontra-se marcado por um estado de tensão e conflitos entre o Ocidente (representado pelos E.U.A. e União Européia) e o Oriente Médio muçulmano. Desde a crise desencadeada pelos atentados do 11 de Setembro de 2001, e as subseqüentes invasões do Iraque e do Afeganistão, as tensões aumentam e os incidentes ganham proporções maiores. Outros acontecimentos marcantes desde então foram os atentados à bomba nos metrô de Madri e Londres, o acirramento do conflito Israel-Palestina, incluindo mais um conflito aberto no sul do Líbano (julho de 2006), os protestos desencadeados por um conjunto de charges publicadas em um jornal dinamarquês (2004-2005), a crise nuclear envolvendo o Irã e a guerra civil incontrolável no Iraque.

Neste ambiente de diversos conflitos, que são complexos e estão inter-relacionados, o *topos* da libertação empreendida por Saladino retorna forte a um mundo muçulmano que se sente agredido e invadido. Não por acaso, foram feitas atualmente várias

² ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia. Inferno**. São Paulo: Editora 34, 1998. (p. 47).

³ Geopoliticamente o Islã se divide em D’ar al-Islam (“a Casa do Islã”), isto é, as terras governadas pelos muçulmanos e Dar al-Harb (“a Casa da Guerra”), onde predominam os infiéis, com leis e costumes estranhos e bárbaros.

alusões comparando o momento em que vivemos com a época das Cruzadas. Para o fundamentalismo islâmico, mas também para muitos radicais cristãos, a época das Cruzadas nunca terminou: a situação em que vivemos hoje é mera continuação de uma antiga inimizade. Vejamos dois exemplos corriqueiros em que observamos o uso de um universo semântico cruzadístico:

“Essa Cruzada, essa guerra contra o terror, vai durar muito tempo”. (George W. Bush, presidente dos EUA, 16 setembro de 2001, 5 dias após os espetaculares atentados do “11 de setembro.”) (Jornal do Brasil, 22 de setembro de 2001.)

“Decidi matar João Paulo II, comandante supremo dos cruzados”. (Ali Agca, o turco que atirou no Papa em 1981). (MAALOUF, p.245.)

Mesmo para os não-fundamentalistas, a instrumentalização da figura de Saladino foi um artifício útil e popular para partidos políticos, líderes nacionalistas e movimentos religiosos ao longo do século XX. Segundo Maalouf: (MAALOUF, p.p. 244-245).

“(...) às vésperas do terceiro milênio, os responsáveis políticos e religiosos do mundo árabe se referem constantemente a Saladino, à queda de Jerusalém e à sua retomada. Israel é assimilado, na acepção popular como em certos discursos oficiais, a um novo Estado cruzado. Das três divisões do Exército para a libertação da Palestina, uma traz ainda o nome de Hittin e uma outra o de Ain Jalut⁴. O presidente Nasser, no tempo de sua glória, era regularmente comparado a Saladino, que como ele havia unido a Síria e o Egito. No que se refere a expedição de Suez de 1956, ela foi vista, do mesmo modo que a 1191, como uma cruzada conduzida pelos franceses e ingleses”.

Entretanto, com a decadência dos movimentos nacionalistas laicos no Oriente Médio, e o aumento de prestígio dos fundamentalistas e radicais, a figura mítico-histórica do sultão Saladino é mais uma vez re-significada, re-valorada e transfigurada. No século XXI, o acúmulo de tantas releituras, tanto no Ocidente quanto no Islã, fazem de Saladino um “coringa” nas mãos de movimentos políticos, religiosos e grupos terroristas. Não por acaso, a rede Al-Qaeda divulgou, em uma rara manifestação pública escrita, um documento “assinado” por ninguém mais que o próprio Salah al-Dunya: (IN FOUDA e FIELDING: **Masterminds of Terror – The truth behind the most devastating terrorist attack the world has ever seen.** New York: Arcade Publishing, 2003.) (p. 198).

⁴ Hittin (1187) – a grande batalha da vitória de Saladino. Ain Jalut (1260) – batalha em que o Islã é salvo da destruição pelas mãos dos mongóis.

“(By): *Defeater of the Crusaders: Saladin Al-Ayyubi. Allah has disclosed the beliefs of the crusaders and brought out into the light what their hearts held towards the Muslims. The American President, Bush, ran out of patience and could not keep his belief secret. He stated in a press conference on Sunday, 16 September 2001 that ‘this Crusade, this war on terrorism, is going to take a long time’. He tried later to cover up the real meaning of that statement by visiting the Islamic Center in America*”. (“A Verdade por trás da nova Cruzada”, documento da rede Al-Qaeda, setembro de 2001).

A instrumentalização do *topos* saladinesco por parte de grupos terroristas constitui na total transfiguração de Saladino, chegando à inversão de alguns de seus valores máximos – como veremos adiante. O objetivo destas organizações é causar o medo, a insegurança, a sensação de que qualquer um pode ser atacado em qualquer lugar, a qualquer momento. Desejam abalar a sensação de segurança e bem-estar usufruída pelas populações do mundo desenvolvido, e não hesitam em utilizar as formas midiáticas mais modernas (televisão e Internet) para divulgar a sua mensagem de medo e terror. Da mesma maneira que alguns líderes do ocidente, os terroristas não reconhecem a humanidade do Outro. Sua retórica é maniqueísta; aos seus argumentos não cabe refutação. Não possuem espírito de negociação, pois querem suprimir seus inimigos incondicionalmente.

Ora, diante da re-figuração completa do legado de Saladino, cabe-nos indagar a respeito das origens históricas e historiográficas de uma lenda. Quem foi o Saladino histórico e quais de suas ações contribuíram para a imortalização de seu nome? Qual o significado dos feitos de Saladino dentro de seu próprio universo cultural, social e semântico? Que valores a figura do Sultão encarnava originalmente? Tais questionamentos podem ser úteis, à luz dos problemas contemporâneos, para nos precisar a origem da tradição saladinesca.

Para tanto, um bom ponto de partida é a análise histórica e literária do documento medieval árabe *al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l Mahasin al-Yusifiyya*⁵, título que se traduz por “A Rara e Excelente História de Saladino”. Esta obra é em uma das fontes primárias escritas em árabe mais utilizadas no estudo da Terceira Cruzada e da vida de Saladino. Sua relevância e

⁵ IBN SHADDAD, Baha al-Din. **Al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l Mahasin al-Yusifiyya (The Rare and Excellent History of Saladin)**. Aldershot (Inglaterra): Ashgate, 2002.

Edição traduzida diretamente do árabe medieval para o inglês por D.S. Richard (Universidade de Oxford) a partir da recente edição do “manuscrito de Jerusalém”, guardado na Biblioteca da Mesquita de Aqsa (Jerusalém), por Gamal al-Din al-Shayyal (Cairo, 1964). Tomei a liberdade de traduzir da edição inglesa diretamente para o português, neste presente artigo.

autenticidade consistem no fato de que o autor foi contemporâneo e participe dos fatos ali narrados.

Ao mesmo tempo história, o relato biográfico citado, que possui Saladino como objeto, é também uma obra literária, portanto *mímesis*, representação de uma realidade, recriação que possui como base os acontecimentos experimentados pelo autor. A reelaboração dos significantes históricos num todo coerente e devidamente *significado* é a premissa inicial do trabalho de Ibn Shaddad. O trabalho do autor pretende capturar em palavras uma tradição que será re-significada a cada leitura, em cada nova geração que evoca o nome de Saladino em suas angústias e esperanças. Segundo Luiz Costa Lima, “*a mímesis, supondo uma semelhança com o real considerado como possível, é um meio de reconhecimento da comunidade consigo mesma, ou seja, um instrumento de identidade social*”⁶. (LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e Modernidade. Formas das Sombras**. Rio de Janeiro: Graal, 1980)

No trecho a seguir, Costa Lima explicita a relação entre *mímesis* e identidade social:

“O produto mimético é um microcosmo interpretativo de uma situação humana. Nela, o que mais importa não é a declaração de quais os vencidos e quais os vencedores, mas o entendimento interno do que leva à porfia e à tensão. (...) Microcosmo de uma situação, ele sem dúvida se alimenta de matéria histórica, mas a configura de tal maneira que não identifica o produto com sua matéria. (...) A mímesis, se ainda cabe insistir, não é imitação exatamente porque não se encerra com o que a alimenta. A matéria que provoca a sua forma discursiva aí se deposita como um significante, apreensível pela semelhança que mostra com uma situação externa conhecida pelo ouvinte ou receptor, o qual será substituído por outro desde que a mímesis continue a ser significante perante um novo quadro histórico, que então lhe emprestará outro significado. Ou seja, se como dissemos, o produto mimético é um dos modos de estabelecimento da identidade social, ele assim funciona à medida em que permite a alocação de um significado, função da semelhança que o produto mostra com uma situação vivida ou conhecida pelo receptor, o qual é sempre variável”.

Trata-se, portanto, de uma palavra capaz de persuadir, de fazer o leitor acreditar no seu argumento, que encerra uma autoridade.

⁶. Estamos neste trabalho extrapolando os limites da teoria da Mimesis. O teórico da literatura refere-se, na verdade, ao contexto da antiga Grécia. Entretanto, creio ser possível a transposição de seus conceitos ao trabalharmos este gênero tipicamente medieval que tem muito em comum com o gênero dos *manaqib*, hagiografias que celebram as virtudes e excelências morais dos primeiros califas e fundadores do islã. (Cf. RICHARDS in IBN SHADDAD, op. cit., p. 4).

Vejam agora, portanto, as fontes da autoridade do relato. Seu autor, Baha'al Din Ibn Shaddad, foi secretário particular de Saladino entre 1188 até o falecimento do sultão, em 1193. Além de funcionário privilegiado da Corte, uma amizade verdadeira desenvolveu-se entre os dois, e Ibn Shaddad usufruía a intimidade do Sultão, participando com ele de suas rezas ou ouvindo as histórias sobre a sua vida. A composição da obra ocorre em algum momento entre 1198 e 1228, é póstuma em relação ao seu personagem principal. Primeiramente, portanto, analisemos brevemente o *locus* de onde é proferido este discurso. Tal fala possui atributos próprios, determinados historicamente, indispensáveis para uma compreensão interna do fenômeno discursivo.

Quem foi o autor e qual a sua genealogia intelectual? Nascido em Mosul em 1145, sua formação é similar a de tantos sábios e intelectuais islâmicos deste período: na escola primária, estudou o Alcorão, a Tradição Profética (*Hadith*⁷) e Lei Islâmica. Posteriormente, se formou na Madrasa Nizamiyya, em Bagdá, um dos principais centros de estudos superiores na época, onde se aprendia teologia, gramática, astronomia, filosofia e direito. Acabou por ser nomeado professor desta instituição, e posteriormente assumiu o cargo de professor na Madrasa de Mosul.

Ibn Shaddad já havia encontrado Saladino por duas vezes, ambas enquanto representante diplomático dos governantes Zângidas de Mosul, em embaixada para negociação de paz com o Sultão. Impressionado com suas capacidades, Saladino o convidara para assumir um grande cargo de direção na Madrasa de Manazil no Cairo, convite, no entanto, recusado pelo estudioso.

No ano de 1188, um ano após o “ano da vitória” da batalha de Hittin, na qual o exército islâmico massacrara as forças principais dos príncipes cristãos e das ordens religiosas (templários e hospitalários), Ibn Shaddad realiza o *Hajj* (sua peregrinação obrigatória a Meca) e na volta apresenta Saladino com a sua nova obra, denominada *As Virtudes da Jihad*, e então passa a estar daí em diante permanentemente a serviço do Sultão. Assumiu o cargo de *Qadi al-Askar* (“juiz do exército”) o que lhe conferia responsabilidades judiciais e administrativas, e tornou-se confidente pessoal do Sultão. Após a morte deste, Ibn Shaddad teve papel ativo e

⁷ *Hadiths* são os “ditos” do Profeta Mohammed e dos Primeiros Califas que se converteram numa fonte complementar ao Corão em matéria de teologia e legislação.

influyente em assegurar a transferência pacífica de poderes para membros da família do sultão, pois sua autoridade e equidade eram respeitadas por todos. As rendas que o Estado lhe pagavam não eram modestas: cem mil *dirhams* anuais; mas o estilo de vida austero do homem de letras lhe garantiu uma grande poupança (mesmo tendo se casado com duas irmãs), quase toda utilizada na construção e financiamento de escolas. Morreu em 124, com a idade de 89 anos. Muitos dos dados biográficos aqui coletados provêm do Dicionário Biográfico redigido pelo seu discípulo, Ibn Khallikan⁸.

Além da obra aqui considerada, o *al-Nawadir*, sua produção literária é variada: livros sobre julgamentos legais, derivados de sua prática judiciária; o *Dala'il al-akham*, que estuda a tradição dos *Hadiths*; *al-Mujiz al-bahir*, obra sobre jurisprudência; o tratado *As Virtudes da Jihad* (cujo texto foi perdido) e o *Livro do Bastão*, em que é discutida a relação entre Moisés e o Faraó. Outros textos são ainda atribuídos a Ibn Shaddad, mas não comprovadamente. A breve lista contém um interesse, pois podemos vislumbrar o horizonte de preocupações de um intelectual islâmico medieval, um sunita ortodoxo preocupado com o bom governo do Islã.

Portanto, ao analisarmos o texto de Ibn Shaddad, cabe atentarmos sobre o *locus* social deste autor: um agente do Estado, amigo pessoal do Sultão, que sincera e austeramente contribui para o esforço da *Jihad*; professor da autoridade ortodoxa sunita em uma Síria repleta de seitas, dissidências e infiéis. O ano de sua entrada para o serviço do Sultão também foi auspicioso: após a vitória de Hittin, Saladino tinha plena consciência de que a retomada de Jerusalém estava próxima, e este seria um momento histórico inesquecível para os muçulmanos. Não estou insinuando que a *História de Saladino* é uma encomenda direta do sultão; entretanto, ambos os homens tinham plena consciência da importância dos acontecimentos de que foram protagonistas para a posteridade. Não deixar a memória de Saladino e da reconquista de Jerusalém morrer: este é um dos objetivos principais do autor, plenamente alcançado.

Em que gênero poderíamos classificar o *al-Nawadir*? Híbrido de biografia, história e literatura, a obra opera o tempo todo com o conceito de uma *conduta exemplar*. Deus se faz presente na história humana apenas de forma indireta: enviando para seus fiéis do Islã, em

⁸ Cf. RICHARDS "Introduction" IN IBN SHADDAD. **The Rare and Excelent History os Saladin**. Aldershot (Inglaterra): Ashgate, 2002.

tempos críticos, figuras exemplares, modelos que possuem um alcance universal e virtudes para se educar as gerações vindouras.

Assim, o autor demonstra a necessidade que sentiu em escrever esta biografia, pois Saladino, modelo heróico, deveria ser recordado como líder de um tempo feliz de união política no Islã. O autor considera o período histórico que presenciou como importante, extraordinário e maravilhoso (no sentido em que nele maravilhas humanas aconteceram). Faz um paralelo entre a época de Saladino e aquela das primeiras gerações do Islã, repleta de modelos de comportamento virtuosos, justificando assim sua empreitada. O conceito de tempo presente em seu texto é a de um tempo histórico que por vezes se condensa, poucos anos críticos em que alguns fatos possuem enormes conseqüências. Conforme nos conta em seu *Prólogo*: (IBN SHADDAD, p.p. 13-14.)

“Quando eu observava os dias de nosso Senhor o Sultão Saladino (...), eu vim a acreditar nos contos de gerações anteriores que a improbabilidade chamava de falsos. (...) As maravilhas desses dias foram tão grandes para serem captadas por qualquer mente ou compreendidas por qualquer coração, os fatos extraordinários tão gloriosos para serem completamente expressos por qualquer língua ou registrados em uma página por qualquer mão. Entretanto, eles foram de tal tipo que, uma vez consciente deles, alguém não consegue mantê-los escondidos e qualquer um com conhecimento deles não pode senão relatar seus contos e estórias. Eu estava tão escravizado pelo seu favor a mim, tocado pelo sincero serviço e amizade que eu o devia, que me encarreguei de listar todas as suas virtudes de que tive acesso direto e relatar todas as suas excelentes qualidades que eu conheci. Decidi, por esta relação, contar brevemente o que a experiência pessoal me ditou, ou o que me disseram outros, fontes próximas à confiança total. (...) O compêndio da história de seu governo eu intitulei A Rara e Excelente História de Saladino.”

Algumas observações sobre este trecho: primeiramente, a decisão de escrever esta obra seria uma necessidade natural, devido à grande importância histórica dos eventos vividos⁹. Em segundo lugar, Ibn Shaddad só irá escrever sobre aquilo que ele diretamente observou e participou, ainda que por vezes ou outras colete dados de terceiros, mesmo assim somente aquelas fontes confiáveis. A *História* de Ibn Shaddad diz respeito a coisas maravilhosas, mas são maravilhas humanas, do mundo terreno. Milagres e o próprio Deus não interferem em sua narrativa; as causalidades históricas são secularizadas. As batalhas são vencidas por cristãos e

⁹ Acontecimentos marcantes, como a reconquista de Jerusalém e o seu embate contra dois reis na Terceira Cruzada: Ricardo I Coração de Leão, da Inglaterra, e Felipe Augusto, da França.

muçulmanos não por conta do favor de Deus na ocasião, e sim por causas naturais como o tamanho dos exércitos, a tática de seus comandantes e suas desavenças políticas. Os feitos e as virtudes de Saladino, embora heróicas e às vezes improváveis, são possíveis para qualquer homem. O toque divino nesta história ocorre por conta dos protagonistas humanos, que podem ou não andar em direção à Virtude e ao aprimoramento moral e religioso. Agora, junto com Ibn Shaddad, tentaremos montar um quadro da personalidade e das virtudes do sultão

Analisemos inicialmente os nomes e títulos de nosso personagem: “*O Sultão al-Malik al-Nasir* (“o grande governante”) *o unificador do Islã* (que encontrava-se fragmentado politicamente anteriormente), *o supressor dos adoradores da cruz* (seu caráter de resistência contra o invasor cruzado), *porta-estandarte da justiça e benevolência* (sua lei sempre justa, principalmente para com os oprimidos), *Salah al-Dunya wa'l-Din* (título pelo qual ficaria mais conhecido, ocidentalizado para Salahedin ou Saladino; significa *a bondade deste mundo e da religião*, veremos adiante a justificativa para tal denominação), *Sultão do Islã e dos Muçulmanos, que retomou Jerusalém das mãos dos politeístas* (isto é, os cristãos, que adoram três deuses: o pai, o filho e o espírito santo), *o Servo dos Dois Nobres Santuários* (Meca e Jerusalém), *Abu'l Muzaffar* (“pai de Muzzafar, indicação genealógica de antecedência) *Yusuf* (equivalente árabe para José, seu nome próprio, ou comum) *ibn Ayyub ibn Shadi* (filho de Ayyub filho de Shadi, indicação genealógica de descendência)”.¹⁰

O relato de Ibn Shaddad começa considerando as origens da ascensão dos ayyúbidas¹¹. Seu pai e seu tio eram *emires* (comandantes militares) a serviço dos Zângidas¹², representantes das tribos curdas no fragmentado Império Seljúcida. Nascido no Castelo de Tikrit (atual Iraque), no ano de 1137, acompanhou em sua infância e juventude as expedições do pai e do tio, acabando por ser um dos preferidos do rei Nur-al-Din, que na época empreendia um esforço político e de propaganda a fim de mobilizar os muçulmanos para a causa da Jihad.

Segundo Amin Maalouf, a ascensão de Saladino inicia-se quando Nur-al-Din envia o tio de Saladino, Xirkuh, em uma expedição para conquistar o Egito, governado à época pela

¹⁰ IBN SHADDAD, op. cit., p. 13.

¹¹ Dinastia inaugurada por Saladino, denominada após o seu pai, Ayyub.

¹² Dinastia de origem turca de *atabegs*, “tutores de príncipes”, que dominaram partes da Síria e da Mesopotâmia durante um curto período no século XII. Os dois principais soberanos, Zinki e Nur-al-Din, foram os precursores de Saladino no domínio da Síria.

dinastia Fatímida (de orientação religiosa xiita, contrária, portanto, à ortodoxia sunita dos dirigentes turcos), na posição de subcomandante em sua primeira missão militar. Para um jovem aparentemente despretenso e sem ambição, era um início de uma carreira gloriosa¹³.

O Egito Fatímida foi totalmente conquistado pelo general Xirkuh, e seu sobrinho, Saladino, o que resultou no término do domínio xiita na região. Com a morte súbita de Xirkuh em um banquete comemorativo, Saladino herda o controle político do Egito e o título de Mestre do Cairo, ainda que sob subordinação ao sultão Nur-al-din (ou Nureddin).

A tensão entre os dois líderes, que poderia ter sido o início de uma disputa bélica, foi habilmente contornada por Saladino, que reiterou a sua lealdade ao já idoso sultão, que não demorou muito tempo para falecer. Após o falecimento de Nur-al-din, Saladino torna-se, de fato, o principal líder muçulmano das terras da Síria e do Egito, após submeter algumas lideranças locais hostis ao seu governo.

A primeira parte do *al-Nawadir* trata de suas características e qualidades pessoais. O autor constrói a imagem de Saladino a partir de suas Virtudes, concretizadas em inúmeros exemplos cotidianos vividos pelo cronista, o que faz com que o texto ganhe vida e credibilidade.

A primeira virtude a ser exaltada é a de seu credo religioso. Sunita ortodoxo, o sultão é estudioso das coisas da religião, sem jamais duvidar de suas verdades: (IBN SHADDAD, p. 18.)

“Ele entendia o que alguém precisa entender, tanto que, quando disputas ocorriam na sua presença, ele poderia contribuir com excelentes comentários, mesmo que não fossem na linguagem dos especialistas estudiosos. Conseqüentemente, ele possuía um credo livre da descaracterização do antropomorfismo, mas seus estudos não foram tão fundo até chegar a negar os atributos divinos ou representá-los erroneamente. Seu credo seguia o caminho correto (a Suna), concordava com o cânone do verdadeiro discernimento e foi aprovado pelo maior dos Ulemás”.

O Sultão foi uma pessoa bastante emotiva, se comovia com facilidade ao admirar a beleza estética, como na ocasião em que se encantou com uma recitação religiosa: (IBN SHADDAD, p. 20).

¹³ Cf. MAALOUF, p. 167.

“Uma vez ele passava por um jovem que estava recitando o Corão para seu pai. Ele admirou sua recitação e mostrou-lhe seu favor, convidando-o a compartilhar sua refeição e beneficiando ele e seu pai com uma porção de terra arável. Ele era emotivamente sensível e facilmente levado às lágrimas”.

Sua saúde era frágil, pois em sua busca imoderada pela causa do Islã descuidava-se em longas horas de vigília, marchas pelos desertos e batalhas, sempre incansável. Mesmo assim, sua Virtude ultrapassava sua dor e sua fragilidade física. (IBN SHADDAD, p. 30.).

“Fiquei muito preocupado no que diz respeito a ele e medo por sua saúde, pois a ‘secura’ dominava seus humores. Eu insisti para que ele se deitasse na esperança de que ele pudesse dormir um pouco. Ele disse: ‘Talvez você esteja com sono.’” (...) “Uma vez na planície de Acre eu vi Saladino sucumbido por um estado de saúde extremamente frágil por conta de numerosas feridas que apareceram no seu corpo da sua cintura até os joelhos, de modo que o impedia de se sentar. Ele simplesmente deitava de lado, e recusava a comida servida a ele por conta de sua incapacidade de se sentar. Ele ordenava que ela fosse distribuída às tropas. Apesar de tudo, ele cavalgou do início da manhã (...) até a prece do pôr-do-sol. Ele diria: ‘Quando eu cavalgo, a dor vai embora, até que eu desmonte.’”

Seu humor e sua sociabilidade eram memoráveis: (IBN SHADDAD, p. 34).

“Sua montada era por vezes impedida quando o povo se aglomerava ao redor com petições, mas ele não era afetado por nada disto. Um dia minha mula se esquivou dos camelos, enquanto eu estava cavalgando em assistência e ele, e o pressionou fortemente à coxa, mas ele estava sorrindo. Num dia de vento e chuva eu seguia com ele em Jerusalém, que estava cheia de lama. Minha mula o sujou de lama, o que arruinou tudo o que ele estava vestindo, mas uma vez mais ele estava rindo. Eu queria me prostrar perante ele por causa disso, mas ele não me deixou.”¹⁴

Saladino perdoava facilmente as ofensas. Uma vez, durante o cerco a Cesaréia, contra Ricardo da Inglaterra, um grupo de *emires* recusou-se a obedecer suas ordens, alegando insuficiência de “benefícios” (isto é, queriam uma parte maior no butim). O sultão, furioso, lançou-se à batalha sem os emires e os seus soldados. Após a batalha, as pessoas pensaram que alguns emires seriam executados: (IBN SHADDAD, p. 35.).

“O filho de Saladino, al-Zahir, relatou-me que naquele dia ele estava com tanto medo dele que não ousava cair em seu olhar, mesmo ele tendo lançado-se profundamente no inimigo aquele dia. (...) Não havia um único emir que não tremesse de medo e acreditasse que estaria próximo de ser preso e recriminado. (...) Eu fui a sua presença logo após a chegada de um lote de frutas de Damasco. Ele disse: ‘Adentre os emires para que eles possam comer

algumas'. Minhas preocupações dissiparam-se e eu procurei os emires, que estavam bastante amedrontados, mas eles o acharam num humor feliz e relaxado que restaurou as suas confianças e contentamento. Eles o deixaram planejando atacar o inimigo, como se nada houvesse acontecido. Considere tal tolerância, que não é encontrada em tempos como este nem relacionada com homens de sua posição em gerações anteriores".

Na primeira parte de seu relato, Ibn Shaddad narra uma série de acontecimentos pitorescos para demonstrar as virtudes do sultão. Muitas delas operam em um horizonte conceitual próximo ao cristão, virtudes como a caridade, generosidade, desapego às coisas materiais. Sua hospitalidade era tamanha que nenhum convidado seu jamais saía de sua presença sem um dom, uma prova de sua magnanimidade. Possuía virtudes também intelectuais, pois o soberano é conhecedor do bom falar, das tradições históricas e genealógicas do Islã, mestre em falcoaria e hipismo. Sempre honrou e patrocinou sábios, escolas e artistas.

Sua generosidade era tanta que, segundo Ibn Shaddad, seus tesoureiros escondiam sempre uma reserva dos cofres do Estado para qualquer emergência, pois sabia que se o sultão soubesse de uma soma guardada, fatalmente a doaria ao povo. (IBN SHADDAD, p. 78.).

"Ele governou tudo o que governou, e quando ele morreu, em sua urna do tesouro foram encontradas apenas quarenta e sete dirhams de prata e uma única moeda de ouro de Tiro." (...) "Eu ouvi dizer que o sultão deixou Jerusalém sem guardar nenhum daquele dinheiro (o resgate dos cidadãos para a segurança em Tiro), que avolumava 220.000 dirhams."

Velhos, viúvas, órfãos e ex-prisioneiros: a muitos destes o Estado garantia um mínimo de subsistência, em ações assistencialistas diretamente mantidas por Saladino, que se preocupava com o bem estar de seu povo. *"Quando ele tomou Acre, ele libertou todos os prisioneiros de seu estreito confinamento. Eram por volta de 4.000 deles. Para cada um ele pagou as custas para permitir que eles alcançassem suas cidades e suas famílias."*¹⁵

Talvez a virtude mais impressionante na personalidade do sultão era a sua tolerância. Saladino era perfeitamente capaz de se imaginar no lugar do Outro, de partilhar com esse Outro seus sofrimentos; sabia que mesmo um inimigo possui humanidade. Nesse sentido, esse reconhecimento de Si mesmo no espelho da alteridade é a antítese da reconstrução terrorista / fundamentalista da lenda em torno de Saladino. Sua capacidade de negociar com os príncipes

cristão propiciava um clima de coexistência e comércio entre os estados cruzados e o sultanato de Saladino que os cercava. Caravanas iam e viam, comerciantes árabes, judeus e cristãos estavam presentes nas principais cidades, antigos nós de redes comerciais, seja lá quem fosse que as governasse.

Saladino recebe possíveis aliados cristãos como iguais e amigos: (IBN SHADDAD, p. 35.).

“Quando o senhor de Sidon o visitou em Nazaré, eu vi como o sultão o honrou e o recebeu graciosamente, comeu uma refeição com ele e, além disso, propôs que ele devesse se converter ao Islã, discorrendo sobre suas qualidades especiais e o urgindo a dar esse passo”.

Um dia, quando Ibn Shaddad estava próximo a Saladino, quase na linha de frente da batalha, um dos guardas surgiu com uma mulher saída da frente cristã. Ela parecia muito nervosa, se lamentava e batia no peito, pedindo para ser atendida pelo sultão. Ela disse: (IBN SHADDAD, p. 37.).

*“Ladrões muçulmanos entraram na minha tenda ontem e roubaram minha filha. Gastei toda a noite até essa manhã implorando por ajuda. Foi dito a mim: ‘O príncipe deles é um homem misericordioso. Nós a enviaremos a ele para perguntar sobre a sua filha’ Então eles me enviaram a você, e somente de você eu vou saber da minha filha”.*¹⁶

É claro que Saladino, após derramar algumas gotas de lágrima, manda seus homens vasculharem o mercado de escravos em busca da menina, que é encontrada pouco mais de uma hora depois, e devolvida à mãe. (IBN SHADDAD, p. 37.)

Certa vez um prisioneiro *franj* disse para o soberano: *“Eu estava com medo antes de ver este rosto abençoado. Depois de o ver e vir à sua presença, eu estou convencido de que eu vejo nada além de bem’. O sultão foi até ele e graciosamente o libertou”*

O sultão percebia que essa imagem de extrema generosidade lhe era útil politicamente, ajudando a manter coeso todo o exército, já que naqueles tempos instáveis politicamente, a personalidade do soberano era um fator fundamental na consolidação de uma dinastia, principalmente a de Saladino, sem grandes tradições genealógicas, de origem curda (isto é, nem árabe, nem persa, nem turco, as etnias dominantes no Oriente Médio), que necessitava

sempre reforçar sua legitimidade através da propaganda das virtudes e do esforço de *Jihad*. Saladino não representava – ele efetivamente encarnou o personagem que a Fortuna determinou para si: um governante piedoso e heróico. Tais atos de clemência lhe eram ditados tanto por uma inclinação interior natural para a compaixão como pelo reforço de sua imagem como um líder único e original. Afinal, o fortalecimento de seu poder favorecia a união dos muçulmanos contra os cruzados, o projeto da *Jihad* que consumiu toda a sua vida.

Francis Wolff, no ensaio “Quem é Bárbaro”, chega à conclusão de que toda cultura pode conter em si a civilização ou a barbárie. Nos dias de hoje, a barbárie seria expressa pela incapacidade de tolerar o Outro. Em sua definição, (WOLFF IN NOVAES, p.42.).

“O bárbaro é aquele que é (...) incapaz de pensar tanto a universalidade humana como a diversidade indefinida das culturas. Ele só consegue pensar em termos dicotômicos, o Bem e o Mal, o próprio e o estrangeiro, nós e eles, mesmo que chamem de “civilização” (aqui, eu, meus deuses) e “barbárie” (lá, o outro, o inimigo de Deus, o Grande Satã). Sim, existe barbárie, e não porque existem povos ou culturas que sejam bárbaros por natureza, mas porque existe um modo de pensar que é incapaz do uno e do múltiplo. E existem, por conseguinte, práticas bárbaras, às vezes povos, ou sociedades, religiões, movimentos políticos que caem na barbárie. Sim, definitivamente, o verdadeiro bárbaro é aquele que acredita na barbárie do Outro. E aqueles que reconhecem que o homem se diz em vários sentidos podem se dizer civilizados.”¹⁷

Saladino passou à ofensiva contra o Reino de Jerusalém somente quando a trégua foi rompida pelos cristãos. Sob o comando do infame *Brins Arnat*, o príncipe Reinaldo de Châtillon, cavaleiros cruzados saquearam caravanas e aldeias árabes, e o débil rei Guy de Lusignan mal tinha forças para deter esse partido, quando não os apoiava em segredo. Esse príncipe cristão era um dos raros casos em que Saladino quebrou sua regra, jurando matá-lo pessoalmente. Segundo Ibn Shaddad: (IBN SHADDAD, p. 37.).

“Esse amaldiçoado Reinaldo era um monstro infiel e terrível opressor, cujo território uma caravana atravessou quando havia uma trégua entre os muçulmanos e os franj¹⁸. Ele a atacou ardilosamente, mal-tratou e torturou seus membros e os manteve em masmorras, em confinamento fechado. Eles o lembraram da trégua, mas ele respondeu, ‘Diga para vosso Maomé vos libertar’”

17

¹⁸ *Franj* um termo árabe traduzido por “francos”, mas que denomina genericamente todos os cristãos ocidentais: franceses, ingleses, alemães, italianos, espanhóis etc: aos olhos árabes, são todos *franj*.

Reinaldo de Châtillon representa na lenda de Saladino o seu contrário. Guerreiro bárbaro e cruel, defendia que se atacasse incondicionalmente os muçulmanos, o tempo todo. Sua tese era a de que um pacto, um acordo ou uma trégua com um infiel não tinha validade jurídica nem religiosa. Enquanto os sacerdotes discutiam as minúcias teológicas do caso, o Senhor da Transjordânia saqueava e pilhava, tendo em certa ocasião liderado uma excursão até Meca, distante oitocentos quilômetros dali.

Após a batalha de Hittin (1188), quando a maior parte do exército cruzado foi esmagado por Saladino, o sultão finalmente teve a chance de fazer justiça. Segundo o cronista: (IBN SHADDAD, p. 38.).

“Príncipe Reinaldo, o senhor de Kerak, veio diante dele com o rei dos franj da costa <Rei Guy de Jerusalém>, após ambos terem sido feitos prisioneiros na batalha de Hittin durante o ano 583 <1188>. A batalha é famosa e será descrita em seu lugar apropriado, Deus queira. Ele deu ordens para que ambos fossem trazidos até ele. (...)Ele o convocou junto com o rei. O rei reclamava de sede, então o sultão lhe deu uma taça de gelo, da qual ele bebeu. Então Reinaldo a pegou, o que o sultão disse para o tradutor, ‘Diga ao rei – Você é que deu a ele a bebida. Eu não lhe dei nenhuma bebida nem nenhuma de minha comida’ O que ele queria dizer era ‘Se alguém come a minha comida, o cavalheirismo demanda que eu não o possa ferir’. Depois ele decepou sua cabeça com suas próprias mãos para cumprir seu voto.”

Esse episódio é bastante revelador da lógica que rege a moral de Saladino. Em seu entendimento, o rei Guy, apesar de toda a sua perfídia e fraqueza, continua sendo o soberano legítimo e líder dos *franj*. Os *franj* são um povo atrasado e equivocados, mas que possuem necessidades e sofrimentos equivalentes aos dos muçulmanos. Sua não-condenação e posterior libertação do rei simbolizam o respeito de Saladino diante de seus inimigos. Ele sabe que muitos dos ocidentais apenas seguem a fé de seus pais e de seus países, muitos com uma confiança inabalável que chega a provocar a admiração do sultão. O inimigo não é um monstro, inumano, bestial ou selvagem; os *franj*, nesta perspectiva, são, sobretudo, enganados religiosamente. Saladino, dentro dos limites de sua própria época, intui que há um princípio humanitário comum entre as duas partes em beligerância. Nem sempre a religião correta determina uma opção moral correta, e nesse sentido, na perspectiva de Saladino, é perfeitamente possível que um bom cristão se mostre mais virtuoso que um muçulmano pérfido, apesar de seu erro religioso original.

A execução de Reinaldo, por sua vez, revela a compreensão do caráter bárbaro deste príncipe por parte do sultão. Incapaz de qualquer conciliação ou negociação, via os muçulmanos como menos de que humanos, e a Terra Santa era o seu território de conquista e rapinagem. Sua selvageria e deslealdade eram proporcionais a sua alta estirpe, sua figura era o estereótipo de um povo que os sábios muçulmanos chamavam de bárbaros, atrasados e desconhecedores das regras elementares de ética social. Por isso, naquele estágio de beligerância, era o dever de Saladino eliminá-lo.

Com todas essas qualidades morais, Saladino ainda tinha a seu favor uma imensa sorte. Na juventude, fora quase que por acaso junto com seu tio Xirkuh na excursão militar ao Egito enviada por Nur-al-din. Era um dos menores emires, e por isso mesmo foi escolhido pelos outros para suceder seu tio quando este morre logo após a conquista do país, mas Yussef logo se mostrou independente. No Cairo, hesitou em decretar o fim da dinastia fatímida conforme fora determinado por Nur-al-din, pois temia pelo fim da base de sustentação política de seu governo; além disso o jovem califa tornara-se seu amigo. Mas, quando o doente califa sucumbe, é declarado senhor do Egito, provocando ciúmes em Nur-al-din. Saladino postergou até onde pode o confronto com seu antigo mestre, pois o reverenciava e o amava como um pai. No entanto, quando ocorreu a passagem do soberano, Saladino não hesitou em fortalecer suas posições na Síria, no intuito de “proteger” o filho de Nur-al-Din, as-Saleh, de “intrigas de seus inimigos”. Com efeito, o adolescente é mantido em seu castelo até a sua morte poucos anos depois, em mais um golpe da Providência para carreira de Saladino. A partir de então, tornou-se o líder incontestável da Síria e do Egito, conquistando ainda o Iêmen e partes da Jazira (na Península Arábica). Contra todas as adversidades – o crescente fluxo de cruzados vindos da Europa, as disputas internas entre os muçulmanos, sua saúde progressivamente fragilizada em anos de guerras, parecia que a Fortuna sorri perante seu comportamento exemplar. A história de Saladino é também a história da luta contra a adversidade, e possui seus momentos difíceis e dramáticos, principalmente quando os muçulmanos perdem a fortaleza de Acre para Ricardo Coração-de-Leão.

Na narrativa de Ibn Shaddad, apesar de todas as dificuldades, Deus parece estar do lado muçulmano. Um episódio anedótico simboliza os bons augúrios do sultão: (IBN SHADDAD, p. 146.).

“Um falcão que o rei da França gostava o acompanhou de seu próprio país. Era de tamanho impressionante, de cor branca e de um tipo raro. Ele o paparicava e o amava muito. O falcão escapou de seu braço e voou. Ele o chamou de volta, mas ele não respondeu. Ao fim, ele pousou nas muralhas de Acre. Nossos homens o capturaram e o levaram para o sultão. Sua chegada causou surpresa e foi um augúrio feliz de vitória. Para meus olhos sua cor era de um branco brilhante. Eu nunca vira um falcão tão bonito. Os muçulmanos consideraram isto um evento auspicioso. Os francos ofereceram 1.000 dinares por ele, mas não foi aceito.”

Essa breve análise crítica do *al-Nawadir* ainda deixou de lado vários outros exemplos e estórias anedóticas sobre a vida de Saladino. O que pretendi aqui foi evidenciar o caráter humanitário e tolerante do governante, um modelo de conduta humana universal, cujos valores básicos devem inspirar-nos para que, em nosso globalizado século, os conflitos internacionais sejam solucionados a partir da aceitação da humanidade do outro.

No entanto, no presente momento, mais uma vez impera o maniqueísmo e o cinismo no atual estado de tensões entre Islã e Ocidente. Expressões como “*Eixo do Mal*” e “*batalha do bem contra o mal*” são corriqueiramente utilizadas na mídia (principalmente a estadunidense). O fundamentalismo islâmico, por sua vez, nega qualquer valor secular ou universal, estejam estes valores no ocidente ou no próprio mundo islâmico. Nas cenas de terror que se sucedem no Iraque – guerras entre facções, torturas nas prisões estadunidenses, miséria e desalento – enxergamos a sombra do barbarismo simbolizado por Reinaldo de Châtillon. No entanto, não há ainda no cenário mundial nenhum líder que possa ser comparado a Saladino. Será que o Ocidente, que se diz o principal autor dos valores de civilização, tal como os árabes o foram durante a Idade Média, não é capaz de produzir em seus líderes a virtude da tolerância?

Referências Bibliográficas:

ALI, Tariq. **Confronto de Fundamentalismos – Cruzadas, Jihads e Modernidade**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia. Inferno**. São Paulo: Editora 34, 1998.

ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CHOMSKY, Noam. **11 de Setembro**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

DURANT, Will. **A Idade da Fé**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2002.

EDBURY, Peter W (org.). **The Conquest of Jerusalém and the Third Crusade – Sources in Translations**. Aldershot (Hampshire – Inglaterra): Ashgate Publishing Limited, 1998.

FOUDA e FIELDING: **Masterminds of Terror – The truth behind the most devastating terrorist attack the world has ever seen**. New York: Arcade Publishing, 2003.

FLETCHER, Richard. **A Cruz e o Crescente. Cristianismo e Islã, de Maomé à Reforma**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

GABRIELI, Francesco (org.). **Arab Historians of the Crusades**. Berkeley: University of California Press, 1984.

GIBB, H.A.R. (org.). **The Damascus Chronicle of the Crusades extracted and translated from the chronicle of Ibn al-Qalanisi**. Mineola (N.Y.-E.U.A.): Dover Publications Inc, 2002.

HOBSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

IBN SHADDAD, Baha al-Din. **Al-Nawadir al-Sultaniyya wa'l Mahasin al Yusufiyya (The Rare and Excellent History of Saladin)**. Aldershot (Hampshire - Inglaterra): Ashgate Publishing Limited, 2002.

IBN MUNQIDH, Usamah (1095 - 1188). **Na Arab-Syrian Gentleman & Warrior in the Period of the Crusades – Memoirs of Usamah Ibn-Munqidh (Kitab al I'Tibar)**. New York: Columbia University Press, 2000 (tradução do manuscrito original por Philip K. Hitti, Princeton University).

JUERGENSMEYER, Mark. **Terror in the Mind of God. The Global Rise of Religious Violence.** Berkeley: University of California Press, 2003.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LEWIS, Bernard. **O que deu Errado no Oriente Médio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LEWIS, Bernard. **A Crise no Islã. Guerra Santa e Terror Profano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LEWIS, Bernard. **Os Assassinos. Os Primórdios do Terrorismo no Islã.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LIMA, Luiz Costa. **Mimesis e Modernidade. Formas das Sombras.** Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o Leitor. Textos de Estética da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAALOUF. **As Cruzadas Vistas pelos Árabes.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

NOVAES, Adauto (org.). **Civilização e Barbárie.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REICH, Walter. **Origins of Terrorism. Psychologies, Ideologies, Theologies, States of Mind.** Washington: The Woodrow Wilson Center Press, 1998.

ROSENFELD, Denis L. **Retratos do Mal.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

RUNCIMAN, Steven. **A História das Cruzadas.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003 (em 3 volumes: **vol I – A Primeira Cruzada e a Fundação do Reino de Jerusalém, vol II – O Reino de Jerusalém, vol III – O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas**).

SAID, Edwar. **Cultura e Resistência. Entrevistas do Intelectual Palestino a David Barsamian.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

LUCCHESI, Marco (org.). **Caminhos do Islã.** Rio de Janeiro: Record, 2002.